

A ARTE

MUSICAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Praça dos Restauradores, 43 a 49
LISBOA

Augusto d'Aquino

Rua dos Correiros, 92

Agencia Internacional de Expedições

Com serviços combinados para a importação de generos estrangeiros

SUCCURSAL DA CASA

Carl Lassen, Ásiahaus

Hamburgo, S

AGENTES EM ..

- Anvers — Joseph Spiero — 51, rue Waghmakere
- Havre — Langstaff, Ehrenberg & Pollak — 67, Grand Quai
- Paris — Langstaff, Ehrenberg & Pollak — 12, 14, rue d'Enghien
- Londres — Langstaff, Ehrenberg & Pollak — Leadenhall Buildings, E.C.
- Liverpool — Langstaff, Ehrenberg & Pollak — The Temple-Dale Street.
- New-York — Joseph Spiero — 11. Broadway.

EMBARQUES PARA AS COLONIAS, BRAZIL, ESTRANGEIRO, ETC.

TELEPHONE N.º 986

End. tel. CARLASSEN — LISBOA

CARL HARDT

FABRICA DE PIANOS—STUTTGART

A casa **CARL HARDT**, fundada em 1855, não constroe senão pianos de primeira ordem, a tres cordas, armados em ferro bronzado e a cordas cruzadas, segundo o *systema americano*.

Os pianos de **CARL HARDT**, distinguem-se por um trabalho solido e consciencioso; a sonoridade é brilhante e sympathica, o teclado muito elastico, a repetição facil e o machinismo aperfeiçoado; conservam admiravelmente a afinação, e a construcção é cuidada de fôrma a resistir a todos os climas.

A casa **CARL HARDT**, obteve recompensas nas seguintes exposições: — Londres, 1862 (*diploma d'honra*); Paris, 1867; Vienna, 1873 (*medalha de progresso, a maior distincção concedida*); Santiago, 1875; Stuttgart, 1881; etc., etc.

Estes magnificos pianos encontram-se á venda na **CASA LAMBERTINI**, representante de **CARL HARDT**, em Portugal.

A. HARTRODT

SÉDE: HAMBURGO — Dovenfleth, 40

Expedições, Transportes e Seguros Maritimos

Serviço combinado e regular entre:

Hamburgo — Porto — Lisboa
Antuerpia — Porto — Lisboa
Londres — Porto — Lisboa
Liverpool — Porto — Lisboa

Serviço regular para a Madeira, Brazil, Colonias portuguezas d'Africa, etc.

Promptifica-se gostosamente a dar qualquer informação que se deseje.

A. HARTRODT — **Hamburgo**

GUARDA-MUSICAS

NOVIDADE

DA

Casa Lambertini

—* Modelos exclusivos *—

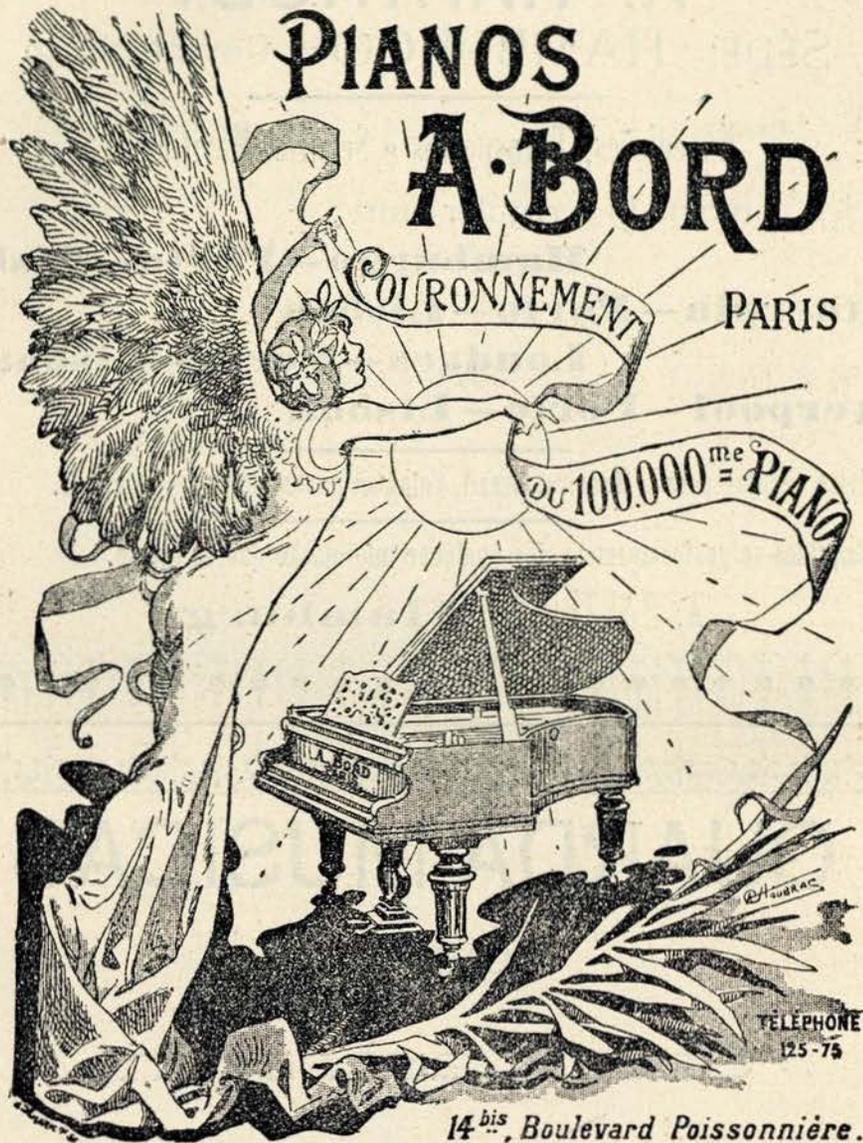
Enviam-se catalogos illustrados a quem os pedir.

SÓMENTE Á VENDA

NA

Praça dos Restauradores, 43 a 49

LISBOA



Commendador da ordem de Christo (1894)

Fabricação annual.....	3:000 pianos
Produção até hoje	116:000 »

Exposição Universal de Paris (1900)
Membro do Jury—Hors concours



A ARTE MUSICAL
Revista publicada quinzenalmente

Redacção e administração

Praça dos Restauradores
43 A 49

Proprietario e director
Michei' angelo Lambertini

LISBOA

Composto e impresso
na Typ. do ANNUARIO COMMERCIAL
Praça dos Restauradores, 27

SUMMARIO — Os concertos da Grande Orchestra Portugueza da regencia do sr. Lambertini — Chopin — No conservatorio, (continuação) — Joseph Joachim, (continuação) — Concertos — Chronica theatral — Noticiario — Ne-crologia.

Os concertos da Grande Orchestra Portugueza da regencia do sr. Lambertini

Como esta revista saia a 30 do mez e o 3.º concerto da grande orchestra portugueza se realise no dia 1.º de dezembro, não podemos abranger n'esta noticia os dois concertos da presente estação. Não faremos por isso agora a critica completa das duas sessões musicas. Fal-a-hemos mais tarde, se a isso nos julgarmos obrigados; o que todavia se nos não afigura necessario, attenta a athmosphera de sympathia geral que tem envolvido esses concertos.

Effectivamente, de desconfiada que ao principio se revelava, relativamente á tentativa da nossa orchestra, a situação do publico modificou-se grandemente após o primeiro concerto e de todo se convertia em acolhimento enthusiastico durante a execução do segundo.

A imprensa em geral accentuára a nota de que essa tentativa attingia no nosso meio a importancia de um verdadeiro acontecimento artistico; e fazia-o com flagrante convicção.

A ella se deve pois em grande parte uma benefica influencia, animadora para a sympathica phalange e instructiva para o publico que se resolveu a assistir serio e attentamente a um spectaculo serio e que reclama toda a sua attenção.

Este caso devêmo-lo reconhecer e registrar. O publico lisbonense da noite de 25 não era aquelle que varias vezes tenho distinguido como multidão amavel, sceptica e divertida que detesta que a macem e a tomem muito a serio. Não senhor. Esse publico mais parecia o de uma cidade do norte,

possuido de respeito e de interesse pelas cousas do espirito, animado d'um ideal superior e aspirando ao goso esthetico mais elevado.

E entretanto, confessêmo-lo, parte d'esse publico não entrou no theatro D. Amelia animado de uma absoluta confiança no exito do concerto. Muito longe d'isso até. Falava-se, duvidava-se, mordida-se e pasmava-se até. E de quê?...

E' isso o que eu julgo dever aqui dizer e reduzir ás suas justas proporções, saindo fóra da regra do bom tom dominante na nossa sociedade e que, á força de encerrar tudo e todos em contornos dubios, indecisos, vejo por vezes transformar-se na mais desoladôra injustiça ou esterilidade. Chamemos ás cousas pelo seu nome, ao menos hoje, vespera do anniversario da restauração de Portugal. Já Felicien Rops dizia: *J'appelle un chat Un chat!*

E permitta-me o sr. Lambertini que seja na sua revista que eu esclareça este ponto, affastando-me para isso do jornalismo propriamente dito, e tratando a questão no campo méramente musical. Porque não desejo, não pretendo revesti-la de character irritante, ou provocador. Apenas *hay que distinguir*.

O que se dizia, se insinuava com modos graves, entre profundos e conspicuos, era o seguinte:

— Sim. A orchestra está bem. Mas o regente...!

— Então você que acha? perguntava eu penetrado de acatamento e curiosidade.

— E' um amator.

N'este momento já me divertia o caso por tantas vezes ter ouvido afirmar que somos em tudo um paiz d'amadores, de curiosos; a excepção que se me abria, além d'ultra-comica, dev'ia fatalmente albergar no parti-

cularismo do seu symbolo a solução da crise portugueza. Por isso perguntei:

— Mas como diabo corrige você tal senão? Quem vê ahí capaz de levar a effeito a empreza artistica do Lambertini?

— Manda-se vir de fóra; um Rudorf, um Colonne, um Nikisch, que ponha isto a direito, no verdadeiro caminho; um homem de profissão, emfim.

Achei divino. Porque, afinal de contas, ainda ninguém viu que todo o nosso mal se cura da mesma forma, generalizando Rudorf, Colonne e Nikisch; ou fazendo as variaveis das equações pessoas d'estes cavalheiros eguaes a causas diversas, desde os generos de primeira necessidade, o bacalhau, o arroz e o assucar, até ás mais arduas subtilidades d'ordem subjectiva.

*

Mas a questão é muito outra e precisa ser vista com toda a serenidade e conhecimento dos factos. Amadôr, destituido de curiosidade para se illustrar, era o meu interlocutor precipuo e grave.

E' certo que os grandes regentes viajam por todo o mundo, dirigindo orchestras varias e revelando comprehensões diversas da mesma obra d'arte. Viajou Berlioz, viajaram Wagner e Bülow; como hoje viajam Hans Richter, Weingartner, Mottl, Nikisch e outros. Richard Strauss tambem viaja, dando concertos d'orchestra; mas impõe um certo numero d'ensaios para cada obra de sua lavoura, precedendo a sua entrada pessoal em materia, como regente.

Isto fatalmente significa alguma cousa que se deve procurar vêr. E é que esses regentes viajam para dirigir orchestras feitas e educadas na grande musica, com longo tirocinio d'ella e technica especializada no seu sentido artistico.

Ora em Lisboa essa orchestra não existe; e só existirá alguns annos depois de se ter exercido nesse campo musical, sob a direcção seria e persistente d'um homem dedicado que, ao espirito d'acção, reuna a intelligencia d'essa arte superior. Só depois de um longo tirocinio assim orientado e effectuado é que a orchestra portugueza poderá aproveitar com a regencia dos grandes mestres estrangeiros.

E agora pergunto novamente: quem ha em Lisboa capaz de levar essa empresa a cabo?

Evidentemente a resposta apparecê feita, mudando o tempo ao verbo. Não ha outro que não seja o sr. Lambertini. Porque só *louve* elle para reunir os artistas executantes, para lhes inspirar confiança e respeito,

impondo-se como homem d'acção e como verdadeiro artista educado na grande musica.

Tal é o facto innegavel, que devemos reconhecer lealmente. Ha muitos annos que aqui se desejava realizar a orchestra portugueza. Ninguém o conseguiu até hoje. E hoje, quando um homem tem o poder de attracção e de dominio intelligente para reunir e congraçar esses arrédios apparentemente irreductiveis, todos querem aproveitar-se d'esse esforço com o fim unico de annullar esse homem. O portuguez nem faz, nem deixa fazer. E' sina antiga.

As nossas necessidades artisticas exigem, pelo contrario, a valorisação d'esse esforço nobilissimo, tentada por todas as fórmulas possiveis, para que a orchestra se torne cada vez mais homogenea e segura nos seus processos e execuções. E' esse o nosso dever, o nosso interesse real.

De resto quer-me parecer que, hoje, já o meu conspicuo, profundo e sentencioso interlocutor não diria como disse antes do 2.º concerto d'orchestra.

Porque, a não ser que deixasse de attentar no progresso, evidente para os desapassionados, do 2.º sobre o anterior concerto, havia de reconhecê-lo e de procurar explicá-lo fóra das theorias do Acaso e da Providencia.

Mas ha ainda um meio directo e honesto de resolver a questão: é perguntar aos professores da orchestra em quem confiam para os dirigir na consecução da obra que todos teem em vista, que homem escolhem para isso. E quer-me parecer que todos á uma responderão o mesmo que eu respondi. Seria até interessante que se procedesse a um tal inquerito, dando-se-lhe porventura a forma electiva. Porque nem os estudantes se enganam na escolha do mestre, o que se converteu em axioma na pedagogia allemã, nem os soldados na escolha do chefe.

E feita esta verificação de *existencias* pró e contra, e affirmando mais uma vez o que em janeiro d'este anno escrevi — que, tal qual está organizada e dirigida, a orchestra vae bem e não deve mudar de situação, seja-me ainda permittido reeditar aqui, o que hoje sobre este assumpto disse no *Noticias de Lisboa* e esclarece, resalvando pequenas alterações, ou corrobora algumas das affirmações que faço mais acima.

* * *

N'esta epoca de surpresas mais ou menos agradaveis, o publico de Lisboa surprehen-deu-nos o mais agradavelmente possivel,

manifestando-se com indiscutível interesse pelos concertos da grande orchestra portu-gueza.

O exito de segunda feira ultima excedeu toda a expectativa imaginavel. Sala deslum-brante, uma enchente completa e, o que é mais, um concerto já muito superior ao realizado em 1906, affirmando para todos de um modo indiscutível, quer no director quer nos membros executantes da sympa-thica phalange, a existencia de qualidades valiosas que para muitos appareciam ainda envolvidas em variadas adversativas, condi-cionaes e restrictivas.

O sr. Michel'angelo Lambertini affirmou-se um verdadeiro *executante* d'orchestra; *tocou* o complexo e caprichoso instrumento por forma a convencer os mais recalcitrantes.

Deve porem dizer-se que nem sempre assim succedeu. Destituído por completo dos arrosos que caracterizam o typo *dentis-ta*, não tendo podido realizar tantos ensaios quantos exigiria a sua consciencia d'artista, sentimos que por vezes a sua acção era me-nos decisiva por menos confiante. Mas quando essa confiança se podia afirmar, como no *Preludio do Amor de Perdição* então o sr. Lambertini foi um perfeito e moderno regente d'orchestra. Tal revelação verificamo-la por vezes, mas ahí principal-mente; porque podiamos comparar essa execução com a de S. Carlos, onde ella nem de muito longe attingiu o largo sopro de lyrismo que lhe transmittiu a batuta do nosso regente.

Foi bisada essa peça. E o sr. Lambertini sentiu que podia livremente dirigir a hoste para onde o levava a sua fantasia de artista educado na grande musica; e por isso teve ahí um grande momento d'esthesia que muito desejaremos ver repetir nas futuras execuções.

Parêce de mais a mais que a corrente actual da sympathia publica se volta para a nossa grande orchestra.

Ora ainda bem. Mais vale tarde do que nunca; e fazemos votos pela realisação d'essa seductora miragem:

Concertos orchestraes em Lis-boa.

Um tal factio deve tambem levar ao gru-po de executantes da orchestra a certeza de que serão, d'hoje em diante, escutados com justo interesse; de que os seus esfor-ços serão apreciados e valorizados como merecem. Desejamos que elles se conven-çam d'isso; que se sintam animados d'uma grande confiança em si e do desejo de aper-feiçoar cada vez mais a sua technica, e de prestar á obra commum um constante e effectivo apoio.

Só assim é que as execuções da nossa grande orchestra poderão attingir a homo-geneidade, a solidez e maleabilidade carac-teristicas das boas orchestras das grandes cidades europeias. Eu sei que esses sym-pathicos artistas me dirão: «Você tem ra-zão, mas só em parte. Porque nos faltará a *continuidade* do exercicio pratico que cria as perfeições profissionais; e essa, só a adhesão do publico ao nosso movimento musical a poderá realizar. Sem publico constante que nos escute e nos anime com a sua presença e benevolencia, não ha meio de conseguir o que a boa critica exige».

N'isto está a maior valorisação do 2.º con-certo effectuado no dia 25 do corrente. O grande esforço que elle representava foi effectuado quasi completamente *à forfait*, á ventura. Mas hoje a aventura circumscre-veu-se, se é que de todo não deixou de exis-tir. O publico affluio em cheio; applaudiu sem restricções, mostrou-se entusiasmado; deu finalmente tudo quanto devia e podia dar.

*

Por isso o *concerto matinée* de amanhã terá por certo o exito do anterior e demon-strará a razão que levou a direcção da or-chestra a effectua-lo em tão curto praso. O seu objectivo é algo diverso do anterior, porque toma a forma de um concerto po-pular, destinado a prestar homenagem a um illustre artista nosso, ha tão pouco tempo ainda roubado á admiração e estima real dos seus conterraneos, Alíredo Keil.

O sr. Lambertini desejou dar, no 2.º con-certo, algumas peças do mallogrado com-positor. Por motivos estranhos á sua von-tade e hoje affastados felizmente, não pode porem levar então a effeito esse desejo; mas pode realisa-lo no concerto de amanhã, cujo programma já aqui foi annuciado n'este jornal e é o seguinte:

I. Preludio do 4.º acto da opera *Irene*, Keil; Sigurd Jorsalfar, suite, Grieg (Vors-piel, Intermezzo, Huldigungsmarsch).

II Scènes Alsaciennes, Massenet (Diman-che matin, Au cabaret, Sous les tilleuls, Di-manche soir)

III. Abertura da cantata *Orienteas*, Keil; *Devant une croix*, idem; *Kaiser-Marsch*, Wagner.

Como se vê reune-se n'esse programma musica de quatro paizes diversos: Portugal, Noruega, França e Allemanha. Será propo-sital esse factio artistico?

Não nos parece. O intuito do sr. Lam-bertini não foi o de organizar um program-

ma de difficil execução pela differencial caracterisação nacionalista; mas sim o de o fazer facil, accessivel e indiscutivelmente attractivo para ser popular. Por isso reuniu ao nosso musico os compositores estrangeiros que mais facilmente commovem as nossas plateias, em peças já experimentadas e sancionadas pelos applausos do publico.

Entretanto esse programma sugere-nos thema de especial observação e folgamos ter ensejo de emittir a respeito da orchestra portugueza uma opinião que muito estimariamos ver discutida.

Na execução musical entre nós não se encontram, accentuadas e affirmadas exclusivamente, as características differenciaes das orchestras estrangeiras: não ha ahí a scintillação, a precisão rythmica e nitidez de detalhe da execução franceza; não encontramos tão pouco a largueza planturosa, a sonoridade rica e intimamente fundida da belga; nem ainda a maleabilidade, a frescura e pureza de timbres, o superior equilibrio da orchestra da opera de Berlim, ou a *fougue* apaixonada e altiva sonoridade da orchestra da opera de Dresde. Além d'estas qualidades differenciaes, cada um d'esses agrupamentos, quando dirigidos por mestres do mesmo paiz, só por assim dizer póde executar bem as obras nacionaes suas. Já em outro lugar expozemos pormenorizado este modo de vêr; por isso limitamo-nos aqui a expô-lo sob esta forma, e sem argumentos em seu apoio.

Mas se á nossa orchestra não póde applicar se nenhum d'esses typos de processo artistico para caracteriza-la, afigura-se-nos dever conceder-se lhe, em grau excepcional, como a nenhuma outra, o caracter de adaptação cosmopolita, que porventura revelam na vida ordinaria as populações illustradas das nossas primeiras cidades, imprimindo-lhe feição reconhecida por todos, e que na nossa língua parece igualmente encontrar-se para traduzir, melhor do que nenhuma e assaz á justa, o espirito das outras. Por isso penso que o concerto de amanhã poderá revelar tambem ao nosso publico, claramente e intensamente, essa capacidade de interpretação cosmopolita que eu attribuo aos executantes portuguezes.

E' facto que maus habitos contraídos na execução de má musica, como é a do actual repertorio italiano, imprimiram a esses artistas tendencias condemnaveis e que restringem essa maleabilidade de adaptação; ainda assim, já no programma do concerto do dia 25 nós podêmos apontar, além do trecho primeiro citado, a deliciosa execução d'algumas *Scènes alsaciennes*, a superior interpretação do *Larghetto* da symphonia

de Beethoven, o brillantismo quasi total da apresentação da obra de Franck, *Rédemption*; sem falar da forma por que a *Abertura* dos *Mestres Cantores* foi interpretada e que julgamos digna d'applauso. Portanto já ahí teriamos ensejo de nos referir ao nosso ponto de vista da caracterisação nacionalista nas execuções musicas, sobretudo quando effectuadas por orchestra, ou ainda, senão mais, pela voz humana.

Mas, além de que o programma de amanhã seja muito mais interessante n'este campo do que ess'outro, accresce que Grieg, por exemplo, conserva intacto nas suas obras, para onde o transporta, todo o sabor da musica popular do seu paiz. Sob o ponto de vista do *indigenismo* em arte, servindo-nos da feliz expressão do illustre musico e erudito hespanhol, sr. Pedrell, o concerto de amanhã vae impressionar-nos d'uma maneira mais definida e accentuada do que qualquer dos anteriores.

Não podemos por isso deixar de o apontar como um numero importante na série de concertos organizados pela nossa Orchestra; e felicitamo-nos por ter ensejo de ir ouvi-lo.

*
* *

Descosidas, desconexas, aparentemente destituidas d'um nexco que as ligue a todas, as linhas que o amavel leitor acaba de passar pela vista, e constituem o nosso artigo do *Noticias*, se foram escriptas à *la diable*, se saíram tão coxas não foi por falta de vontade; foi por falta de tempo. Unifica-as porem um sincero enthusiasmo pela obra do sr. Lambertini a quem mais uma vez comprimento pelo seu triumpho indiscutivel e, como mais velho que sou, me permitto dizer que os seus merecimentos lhe dão direito a ser mais incisivo, a despir-se de receios exagerados e injustificados que lhe prejudicam a obra; finalmente, que o exito alcançado lhe assegura o exito futuro e deve avigorár-lhe a confiança nos recursos proprios e alheios de que dispõe. Na sua regencia só ao homem d'acção peço que seja mais general d'esse nobre exercito que vae com elle para onde elle o quizer levar.

E que não faça caso dos tiros das encruzilhadas.

Quanto á impressão geral esthetica que me deixam as interpretações do sr. Lambertini, ainda quando com ellas não concorde em absoluto, devo desde já assignar-lhe um caracter que sobremaneira as valorisa. Sem duvida, porque sempre cultivou, estudou e criticou a grande musica e as interpretações proprias e alheias, já em

Portugal, já no estrangeiro, procedentes, grande numero d'ellas, dos maiores concertistas conhecidos, o sr. Lambertini communica ás peças que dirige uma elevação pouco commum, filha do respeito que lhe desperta a musica executada. D'ahi o caracter nada mercantil das suas interpretações, que por vezes contrasta singularmente com o das exhibições similares effectuadas nos grandes centros, quando ellas se repetem periodicamente e entram no typo corrente d'espectaculos em longas series, como são por exemplo os lyricos e dramaticos dos theatros fixos das grandes cidades.

Nunca me esquecerei d'uma celebre 7.^a *Symphonia* de Beethoven que ouvi por uma tambem celebre orchestra d'uma grande capital, e que no meu espirito se associou indissolavelmente á memoria d'um outro facto: O d'um *barateiro* que vendia panno crú a metro. Estheticamente valem para mim o mesmo, esses dois factos tão diversos na apparencia; e já nem sei se era o *barateiro* que vendia Beethoven, se o *batuteiro* que media o panno crú.

Tal aspecto mercantil, destituído de commoção esthetica e de elevação, por forma alguma existe nas execuções do sr. Lambertini cujos intuitos são meramente artisticos. D'ahi procede tambem o respeito por elle gerado nos executantes, que o seguem attentamente, sem um minuto de cansaço. E d'este facto procede a existencia da grande orchestra portugueza. E' que foi gerada e é impulsionada por um ideal superior. E é por isso que o sr. Lambertini a pode organizar, a pôde manter e a pôde fazer progredir.

30 de Novembro.

ANTONIO ARROYO.



Chopin

N'um curioso artigo do pianista Vladimiro de Pachmann sobre Chopin, publicado no *Strait Magazine*, escreve elle que de todos os compositores cujas obras, anno a anno, se executam por esse mundo, nenhum é tão religiosamente, melhor se diria, tão sacrilegamente, executado por amadores e mediocres pianistas, como o é Chopin.

Dos que percorrem um bello jardim, admirando-lhe a disposição e a belleza das flores, quantos seriam capazes de desempenhar a tarefa do jardineiro?

Dos que visitam uma galeria de pintura e se delicias na contemplação dos effeitos dos

quadros, quaes os que estariam no caso de fixar na tela alguns, sequer, dos effeitos observados?

Pois a musica, no dizer de Pachmann, é a um tempo jardim e pintura, e os seus grandes artistas são pintores e jardineiros.

Mas, assim como, mesmo tratando-se de espiritos cultos, nem todos podem, por exemplo, reproduzir o quadro que admiram ou sobre o qual exerceram a sua critica, assim tambem o pianista pôde, tratando-se de Chopin, apreciar as bellezas das composições d'elle, quando alguém lh'as mostra, e ser, todavia, incapaz de reproduzil-as.

Chopin é dos mais difficeis compositores de serem bem tocados, e aquelle que isso tentar deve de possuir coração para sentir e cerebro para estudar, e tem de fazer da technica uma pratica constante.

As obras d'elle encerram bellezas sem conta, mas essas não estão apenas na musica, encontram se tambem nas entrelinhas e para dignamente, propriamente, lhe interpretarmos a commoção e a poesia, é mister crear mentalmente a mesma atmosphaera em que Chopin viveu e se moveu.

Lembremo-nos que elle viu a luz n'um momento de grande inquietação e effervescencia politica, que influiu em toda a sua obra.

Toda ella nos fala da sua origem de pobre foragido sem patria, e a caracteristica de todo o polaco é uma estranha mistura de alegria e tristeza, de repentinas mudanças de triumpho em abatimento. Assim a musica de Chopin está toda ella impregnada de exuberante phantasia, de romantismo subtil, de alegria inconsequente e até de victoriosa grandeza ou de desconsolo extremo...

Em mais d'uma das suas composições, Chopin nos dá, em rapida successão, mostra d'estes diversos estados d'alma.

Revejam um momento a sonata em *Si bemol menor*, com a marcha funebre: a despreocupação da juventude, o romance do amor, o triumpho do que se chamaria a varonilidade, a embriaguez da batalha, a angustia da derrota, a amargura da morte, e o doloroso evolar do espirito: tudo isso se desenrola n'uma vertiginosa tensão dramatica.

Todas essas successivas maneiras do compositor precisam de receber das mãos do pianista executante a interpretação especial que lhes é devida, e ao mesmo tempo darem-nos no conjunto o effeito d'uma pintura completa.

Chopin exige dos que o interpretam não só que conservem bello aquillo que realmente o é, mas que assim nos mostrem o que por acaso aparentemente o não seja.

Ora tornar feia uma bella coisa é empreza facil em que muitos pianistas se assignalam com feliz exito...

Pachmann adverte que cada peça que for inteiramente compreendida, rasga no nosso pensamento novas avenidas, que tornam possível a interpretação das mais complicadas obras.

E nenhuma peça se deixa, por assim dizer, dominar á primeira. São precisos annos para lhe apreciarmos as bellezas de todas as passagens.

Pela sua parte, Pachmann declara que tocando constantemente Chopin, constantemente lhe vae descobrindo novos pontos de vista, novos effeitos e novos encantos.

E acrescenta:

«Tocar Chopin, exige, além do mais, uma educação feita com as obras dos outros compositores, não unicamente porque, familiarizando-nos com elles, educamos o gosto e cultivamos diversidade de temperamentos, mas até por motivos de technica, porque as obras d'elles, mesmo sendo uniformemente mais difficeis, não reúnem, como as d'este, uma tal variedade de difficuldades de execução, analysando-as peça por peça.

E n'esta ordem de idéas, logo o principal estudo a fazer sobre o verdadeiro Chopin é o *pianissimo*.

Ha passagens d'elle, de natureza tão delicada, que para justamente fazer valer todas as bellezas de que estão cheias carecem de especiaes modalidades d'esse *pianissimo*.

Não é trabalho facil e só um esforço ininterrupto e uma persistente pratica conseguem levar o a cabo, dando ás obras d'este Mestre o particular relevo que ellas possuem.

Outro ponto de technica a que o amator tem de attender é á habilidade em accentuar alguma nota particular n'uma corda.

Acontece muitas vezes que uma melodia de Chopin, das que imprimem character a toda a peça, reside nas notas principaes d'uma serie de acordes, e se estas forem tocadas egualmente, deixa aquella de fazer sentido e, perdendo valor, destroe o effeito em vista.

A melodia deve, portanto, accentuar-se enquanto outras notas terão apenas de ouvir-se como acompanhamento...

Depois de varias considerações, Pachmann confessa que, para elle, o maior attractivo das peças de Chopin é que cada uma d'ellas tem uma historia, e nos dá uma pintura facilmente comprehensivel para os entendedores e até para os que não o sejam, desde que um grande musico as execute.

Fala ainda o auctor d'este artigo das mazurkas, onde a alegria e a tristeza se penetram; e dos preludios, todos elles, com excepção talvez d'um ou outro, excepcionalmente bellos; cita o 5.º, tão difficil que um grande pianista da actualidade lhe confessou havel-o

estudado annos, primeiro que se aventurasse a tocá-lo em publico; o 6.º, cujo final se annuncia por uma especie de trombeta; o 10.º, que não deve tocar-se *vivace* e sim *allegro moderato*, chegando Liszt a dizer que a indicação de *vivace* é uma incoherencia, e o mesmo pensa do 12.º

O 16.º, é o seu favorito; o 17.º, era-o de M.^{me} Schumann e de Rubinstein, e, n'esse, Chopin introduziu harmonias que antes d'elle nenhum outro compositor achou; quanto ao 19.º, affigura-se-lhe a mais difficil coisa que no mundo existe para ser tocada.

E o 20.º, reputa-o verdadeiramente bello, mas, como no 21.º, nota-lhe defeitos musicas, estando convencido, com respeito a este ultimo, que Chopin quizera escrever uma balada para orchestra, e, sendo escripto para violinos e violoncellos, não o julga de nenhum modo musica pianistica, embora muito poetico.

Para se atrever a emitir esta opinião, Pachmann confessa que levou trinta annos.

No 22.º, Chopin creou a energica oitava moderna tal como hoje se toca, e considera-o o primeiro preludio no seu genero em toda a litteratura musical.

O 23.º, que todas as edições indicam com passagens curtas e *legato*, adverte que o auctor nunca o tocou assim.

Forçados a resumir este artigo, concluiremos dizendo que, para Pachmann, Chopin é o auctor das mais bellas obras entre as mais bellas de todos os compositores do mundo, e cada linha por elle escripta equivale a uma poesia perfeita e até as suas mais simples paginas as julga as mais preciosas gemmas da litteratura musical.

Chopin é o creador do moderno piano technico, não obstante não ter já tido a felicidade de lhe conhecer os effeitos, impossiveis de dar nos pianos do seu tempo.

Pachmann refere, por exemplo, a accentuação de uma nota d'um acorde, enquanto o resto do teclado é tão subtilmente tocado que lembra um ciciar de brisa perpassando sobre; elle esse effeito deveria ser impossivel de dar n'um d'esses velhos pianos de que o grande poeta d'este instrumento só pôde dispor então.

Isso dá-o agora, na perfeição, um Bechstein, que Pachmann toca.

Quaesquer que sejam as reservas feitas sobre alguns dos juizos emitidos pelo conhecido concertista ácerca d'esta parte da obra de Chopin, de que aqui damos uma rapida nota, supponmos que serão lidas com interesse as linhas que sobre o immortal polaco escreveu um dos espiritos que tão sentidamente mostra comprehendel-o e amal-o.

No Conservatorio

IV

Do que anteriormente fômos desfiando se tem visto quanto a velha casa dos Caetanos está longe de ser um estabelecimento modular do genero, mercê de leis e regulamentos deficientes em varios pontos, contradictorios n'outros, e, porque não dizel-o?, ridiculos em muitos.

Depois, o espirito de rotina que caracteriza todas as nossas cousas, e mórmente as cousas d'arte, assentou arraiaes n'aquelle cantinho do Bairro Alto e não sae de lá nem á mão de Deus Todo Poderoso. Encravado em rua escusa e solitaria, o templo da Arte furta-se pudicamente a todas as vistas. Tão recatadamente se occulta que até o proprio Municipio, que, ao que parece, devia conhecer todos os cantos do historico bairro, ignora por completo que ali exista o famoso estabelecimento musical. Ignora, com certeza. Se o soubesse, não consentiria que até em noites de festa, que ali não são raras, se tivessem de acender phosphoros para lhe encontrar a porta!

Não importa. O Conservatorio quer viver isolado. Qual outro anacoreta da arte patria, não quer que o vejam, e, o que é peor, não quer vêr para fóra por cousa alguma d'este mundo. Assim, fecha os olhos e os ouvidos a tudo o que cá fóra se faz e se diz, e isto a ponto de esquecer-se que no estrangeiro ha tambem Conservatorios e que, á mingua d'invenção, se póde aproveitar alguma cousa do que por lá se tem legislado sobre o assumpto.

Quantas vezes clamamos aqui a favôr dos quadros de frequencia?

Não é phantastico o que se passa nas aulas de piano do Conservatorio? Em cada uma d'ellas se leccionam uns 30 e tantos alumnos, no espaço de duas horas e meia, ou, para fallar mais claro, se dão quatro minutos de lição a cada alumno, em media. E ainda ha quem julgue que ali se não fazem milagres!

Com os quadros de frequencia, que no estrangeiro são materia corrente em todos os Conservatorios, poderia reduzir-se a 10 o numero de alumnos em cada classe, com duas indiscutíveis vantagens: a de mandar passeiar 20 esperançosos talentos musicaes e a de ganhar com esta medida o reconhecimento da posteridade.

Aos que ficavam, não seria de mais que se lhes lustrasse o espirito com umas tinturas de historia e de esthetica musicaes. Verdade seja que a Lei, a previdente Lei, se não

esqueceu de impôr uma aula para essas especialidades, reconhecendo naturalmente que o artista d'hoje não póde ser um cretino, ignorante por completo da historia da sua propria arte; mas esqueceu-se, a bôa da Lei, que para haver o mestre era preciso... pagar lhe.

Não é bem assim. Levou a larguesa a ponto de offerecer-lhe o melhor de dez mil réis por cada mez de serviço. Claro está que ninguém se apresentou, com medo de... defraudar o Estado.

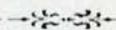
Tambem não é bem assim. Apareceu um tolo, o rabiscador d'estas linhas, que teve a ingenuidade de se offerecer para reger a aula... por amôr da arte, mas foi julgado tão *incapaz para o serviço*, que nem lhe agradeceram.

Temos, portanto, uma aula sem mestre, o que já é alguma cousa. E como temos tambem um mestre sem aula, parece que se julgou restabelecido o equilibrio.

Queremos fallar, já o adivinham, da aula d'orgão.

Essa não tem nem ao menos o orgão, mas tem mestre. Veiu de paragens longiquas e incertas para dar aos folles, serviço em que dizem mostrar notavel resistencia. Como não houvesse folles em que empregar os pés de tão esforçado *artista*, puzeram n'ô a tocar trechos faceis a quatro mãos com as alumnas de piano. Dizem-nos chamar-se isto uma aula d'acompanhamento e terem-se colhido resultados espantosos, chegando as alumnas a tocar muito soffrivelmente na clave de *fá*, ao cabo de pouco tempo.

Consta tambem, vagamente, que o professor já vae conhecendo a clave de *sol*.



Joseph Joachim

(Continuação)

Os seus longos trabalhos na Hochschule foram premiados, em 1894, com a nomeação de director geral, sem que entretanto abandonasse os seus queridos instrumentos de corda.

Em 1899, Joachim celebrou o seu jubileu profissional de diamante, isto é, o sexagesimo anniversario da sua primeira apresentação em publico, aos 22 de abril.

Os seus discipulos de todas as partes da Allemanha, e alguns até d'outros paizes, combinaram dar um grande concerto em honra do seu mestre, nos salões da Philharmonica; e este acontecimento foi felicissimo. Joachim,

a quem se esconderam o programma e os nomes dos executantes, assistiu á festa, recebeu uma grande ovação da orchestra e do publico e teve ainda depois um banquete em sua honra.

Traduzimos um artigo do tempo, de 23 d'abril, em que Arthur Abell historiou a homenagem de que foi testemunha :

«Em 22 d'abril, a Philharmonica de Berlim foi a scena de um dos mais memoraveis acontecimentos nos annos da musica — o concerto do festival em honra do sexagesimo jubileu de Joseph Joachim. Foi ha sessenta annos, em 1839, que Joachim, então uma creança de 7 annos, tocou em publico pela primeira vez, no Adelscasino de Buda-Pesth. A sua execução espantou a todos os presentes e grandes fados lhe foram previstos. Alguns até disseram que seria um segundo Paganini.

Esta prophécia não se realisou: não pertencia a Joachim ser *um segundo*. Tornou-se *um primeiro*. Seguiu o seu proprio caminho. O estylo de virtuosidade de Paganini não quadrou á sua natureza. Tomou como missão ensinar o publico a apreciar as profundezas dos classicos allemães. Popularisou os trez maiores classicos da litteratura do violino: o concerto de Beethoven, a Chaconne de Bach e a Sonata do Trillo do Diabo de Tartini. E a sua interpretação d'estas obras ficou modelo para todos os tempos.

Se elle tivesse seguido o conselho de Ernst e do seu mestre Böhm, e fosse para Paris em 1843, a sua carreira teria sido inteiramente diversa. Melhor foi que assim acontecesse. Foi para Leipzig em lugar de Paris e alli aprendeu de Mendelssohn e de Schumann o que ha de mais alto e melhor em musica.

Sorriu-lhe a fortuna a Joachim durante a sua carreira. Foi sempre para o melhor lugar, no tempo proprio. Vienna, Leipzig, Weimar, Hannover e Berlim foram os seus campos d'actividade, e esteve em cada um d'elles nas circumstancias mais favoraveis.

Que bella carreira teve e com que satisfação póde olhar para os 60 annos passados! Celebrado como o maior violinista classico do seu tempo, como um quartettista nunca visto e um mestre de mais de 300 discipulos, agora espalhados pelo mundo inteiro!

Foi a sua grande actividade, como professor, que tornou possivel este concerto, porque todas as cordas da orchestra, exceptuando os contrabaixos, estavam nas mãos de discipulos seus. Havia noventa violinos, trinta violetas, vinte e um violoncellos e vinte contrabaixos. As violas e os violoncellos tambem estudaram musica de camara com Joachim. Estes discipulos, alguns já com cabel-

los brancos, vieram de todos os pontos da Europa para tomar parte no festival.

Todos os instrumentos de vento estão em duplicado, sendo os artistas recrutados entre os melhores das orchestras Real, da Hochschule da Philharmonica e de Meiningen, formando com as cordas e com os outros o total de 200 executantes. Porém, o extraordinario não era o numero mas a qualidade. Nunca se reunira uma tal escola de artistas em orchestra alguma. Quasi metade dos violinistas eram concertinos e muitos d'elles solistas famosos como Carl Halir, Henri Petri, Jenó Hubay, Willy Hess, Gustave Holländer, Gabriella Wietrowetz, Maria Soldat e outros!

A sala imensa estava cheia á cunha por um publico de eleição. A's 6 e meia Joachim entrou. Foi saudado com uma fanfarra, composta expressamente para aquella occasião, por Gustavo Rossberg e tocada pelas trombetas de todas as bandas militares de Berlim. Uma apothéose ensurdecadora!

A assembléa erguera-se á uma, de chofre, e juntou os seus bravos e vivas ao clangor das trombetas. Foi um momento grandioso, porque o entusiasmo d'aquella recepção tinha a grandeza rivalisando com a sinceridade!

O mestre foi devagar pela sala até chegar á sua cadeira de honra, uma esplendida poltrona lindamente enfeitada de louro e flôres, quasi no centro da sala.

Depois de se restabelecer o socego, o que levou tempo, executou-se o programma seguinte :

- 1 — *Prologo* (Hermann Grimm), recitado por Rosa Poppe do Theatro Real.
- 2 — *Abertura do Euriente* (Weber), pela orchestra.
- 3 — *Variações para violino e orchestra* (Joachim), por Henri Petri.
- 4 — *Abertura do Sonho de uma noite de verão* (Mendelssohn), pela orchestra.
- 5 — *Abertura da Genoveva* (Schumann), pela orchestra.
- 6 — *Symphonia em dó menor* — ultimo tempo — (Brahms).
- 7 —
- 8 — *Concerto em sol maior* para 3 violinos, 3 violas, 3 violoncellos e baixo continuo (J. S. Bach), tocado por 66 violinos, 57 violas, 24 violoncellos e 20 contrabaixos.

A execução da orchestra foi uma revelação. Eu nunca ouvi nada que se lhe possa com-

parar (1). O volume e a qualidade do som produzido pelas cordas era maravilhoso (2).

Quando se chegou ao 7.º numero do programma, a orchestra principiou a introdução ao concerto immortal de Beethoven para violino. Porem não apparecia solista algum!

Logo porém duas gentis figuras de mulher se dirigiram devagar pela ala para a cadeira do mestre. Eram Gabriella Wietrowetz e Maria Soldat, as suas duas maiores discipulas femininas: uma levando um violino, a outra o arco, que lhe passaram graciosamente para as mãos.

O mestre comtudo não estava disposto a tocar e custou a persuadi-lo a que o fizesse. Por fim concordou, dizendo antes de começar:

«Ha trez dias que não pego n'uma rebeça e estou mal disposto a tocar, especialmente quando ha muitos na orchestra que o podem fazer melhor do que eu; porém não quero esquivar-me.»

E assim tocou o concerto de Beethoven, o seu velho cavallo de batalha. No principio estava pouco firme; porém aqueceu a pouco e pouco, accomodando-se á obra, e tocou-a, especialmente no final, de um modo digno do seu nome. E' provavel que nunca fosse honrado com uma ovação tão grande como a que recebeu ao acabar o concerto. Foi esta uma scena, que nunca esquecerá aos felizes que estiveram presentes.

O concerto acabou com a execução empolgante do *Concerto* de Bach, dirigido pelo proprio Joachim.

Depois, seguiu-se um banquete de 800 talheres, que durou até ás 4 horas da manhã, com a assistencia de muitas pessoas distinctas. Os brindes não tinham fim. Joachim teve de falar trez vezes. Foi o maior dia da sua vida.

O concerto foi preparado por Andreas Moser que fez maravilhas.»

Assim escreveu Arthur M. Abell e com elle muitos outros na Allemanha e na Europa. A excellente revista *The Strad*, que devia andar nas mãos de todos os violinistas, publicou no seu vol. X o artigo de Abell, a pag. 57, acompanhado de uma gravura de dupla pagina com cinco retratos de Joachim, aos 7, 25, 34, 45 e 60 annos e um do seu illustre mestre Joseph Böhn.

Estamos nos revendo e consolando nas li-

(1) E' Arthur Abell quem falla. O auctor d'estas linhas não poude assistir a esta festa, porque só chegou a Berlim seis mezes depois. Ouvia porém eccos d'esta grande festa de Arno Hilf, Jules Klengel, Rob. Haussmann e outros, que a ella assistiram.

(2) Abell esqueceu-se de dizer que abundaram n'aquella orchestra os Stradivarius e os Guarnerius e outros instrumentos italianos de fina sonoridade e timbre rico.

nhas severas d'este rosto de um forte e de um são: artista que não desceu a manhas para se elevar illudindo o publico; homem que não baixou a vilanias explorando terceiros; professor que ensinou a Arte verdadeira fora do mercantilismo em que se atolam as mediocridades e os falsos artistas.

(Conclue.)

CARLOS DE MEILLO.



CHRONICA THEATRAL

Theatro D. Amelia: *Rosas de todo o anno*, de Julio Dantas — **D. Maria:** *Judas*, poema dramatico de Augusto de Lacerda — **Trindade:** *A semana dos nove dias*, magica em 3 actos e 17 quadros, original de Ernesto Rodrigues e Felix Bermudes, musica do maestro Calderon.

Foi o *theatro D. Amelia* o escolhido para ouvirmos mais uma vez a deliciosa comedia de Julio Dantas, *Rosas de todo o anno*. Já tinha sido representada por duas alumnas do nosso Conservatorio, e foi n'esse salão que pudemos admirar a pureza da linguagem, e o enredo delicado. Mas agora, entregue a peça a duas actrizes de merito, subiu de valor. Todos nós conhecemos o valor do escriptor que a assignou, Julio Dantas; conhecendo melhor que ninguem as tempestades do coração humano, sabe brilhantemente transplantar para a scena essas figuras todas ellas sentimento, todas ellas candura, e que atravez de todo o seu *theatro*, nos mostra, e revela de uma fórmula tão real!

Como disse, duas actrizes de merito foram encarregadas de a representar, e foram ellas Maria Falcão (*Soror Igeuz*) e Lucilia Simões (*Suzanna*); qualquer d'ellas se sahiram brilhantemente.

O publico applaudiu com delirio auctor e interpretes.

Daremos agora um pequeno passeio e entraremos no *theatro D. Maria*. Não pudemos assistir á primeira representação do *Judas*; fomos á segunda. A peça ha tanto tempo lida em livro, e agora depois d'uns reclamos tão habilmente feitos nos jornaes, julgariamos que na segunda noite o *theatro* estivesse á *cunha*; pois estivemos perfeitamente á vontade; meia platéa e camarotes *idem*. Não foi para nós admiração: o publico em geral quando lhe apresentam assumptos biblicos foge d'elles como o diabo da cruz!! Todos ainda estão lembrados das noites do *Suave Milagre*...

O *Judas* de Augusto de Lacerda dividido em 4 jornadas é uma peça bastante tneatral, e sobretudo difficilima de ser bem representada, partindo logo do principio de ser escrita em verso, e todos sabemos como em geral, os nossos artistas sabem dizer o verso.

A peça não é um modelo na feitura, havendo trechos demasiadamente longos e sem interesse, mas em compensação ha outros muito bem burilados que revelam talento da parte de quem os escreveu.

Cada um que tenha lido a Biblia fórma de Judas idéas differentes, cada um verá n'esta personagem, um ente mais ou menos repugnante. Ora a fórma como sr. Augusto de Lacerda encarou a personagem principal do seu poema, achamol-a um pouco apagada, com respeito a uma feição característica que elle possuia — a *av.veza*. O Judas do sr. Augusto de Lacerda, é demasiadamente amoroso, quando estamos convencidos que um *traste* d'aquelles seria pouco dado a esse sentimento. As scenas que mais nos agradaram foram: toda a segunda jornada, o dialogo na terceira jornada entre Maria de Bethania e Claudia, na quarta jornada o grande monologo de Judas e o final da peça que é de seguro effeito, quando o apóstolo João prega ao povo a doutrina de Christo.

O desempenho foi bastante irregular; por isso falaremos dos melhores papeis.

Brazão, no Judas se não tem um trabalho completo, deu vigor a certas passagens, como foram as duas scenas da 2.^a jornada com João e Maria de Bethania e no monologo da ultima jornada ainda que demasiadamente feroz; não é necessario roncar tanto.

Palmyra Torres, soube incarnar brilhantemente o suave papel de Maria de Bethania, toda pureza e amor! A sua voz cantou o verso de fórma tal, que cada phrase lhe sahia dos labios repassada de sentimento virginal. D'aqui lhe enviamos os nossos sinceros applausos.

Luiz Pinto, muito bem no papel do apóstolo João, assim como Maria Pia que nos deu uma Claudia cheia de altivez, assim como propensa ao sentimentalismo. Maria Pia é uma das nossas actrizes mais intelligentes, por isso não nos admirou que incarnasse tão bem a personagem da mulher de Poncio.

Araujo Pereira, foi feliz no phariseu Benjamim; a personagem foi bem detalhada.

E por aqui ficaremos.

A peça está regularmente posta em scena e a empreza é digna de elogios.

Augusto Machado, escreveu alguns numeros de musica que agradaram, pois possuem bastante côr local.

Cumprindo a nossa missão fomos á Trin-

dade: o cartaz annunciava a primeira representação da magica *A semana dos nove dias*.

E' uma d'essas peças de espirito assaz ordinario, o que bastou para cahir logo no agrado do publico; cada um come do que gosta, phrase que poderemos repetir n'este caso. Quanto mais a phrase possui o sentido equivoco, e muitas vezes *bem ao claro*, mais o publico applaude, e assim educado artisticamente, não pôde gostar das peças de espirito fino, embora obras de critica social.

E' uma magica com ares de revista, como bem se nota no primeiro quadro do 3.^o acto.

A musica é ligeira, agradando ao ouvido, e o desempenho é bastante correcto, salientando-se os actores Correia e Gomes e a actriz Delphina Victor.

ALFREDO PINTO (SACAVEM).

N. da R. — N'esta secção falaremos apenas das obras originaes portuguezas.



Deu-se o segundo concerto de musica symphonica, organizado e dirigido pelo director d'esta revista, em 25 do corrente mez; vae dar-se o terceiro amanhã, domingo.

Por muito que desejassemos desenvolver, em largas referencias, os assumptos que se prendem com essas duas solemnidades musicas, e bem lhe podemos chamar solemnidades pela complexidade de diligencias que é preciso pôr em pratica para as levar a cabo e pelo conjuncto de vontades que é preciso congraçar para se conseguir um bom exito, é certo que a circumstancia acima apontada de ser o principal iniciador e chefe da *Grande Orchestra Portugueza* o proprio director d'este quinzenario, nos impede de entrar em apreciações, que não seriam afinal senão o echo dos commentarios criticos, altamente benevolos, com que os nossos collegas da imprensa quizeram consagrar este empreendimento.

E mal ficariam na nossa bocca quaesquer palavras n'esse sentido.

Limitamo-nos portanto, em nome do nosso director, a agradecer commoivamente a todos e a cada um dos executantes da orchestra as provas de carinhoso affecto e de consideração artistica que quizeram dispensar-lhe durante os trabalhos de preparação e de apresentação, trabalhos que para muitos

implicaram sacrificio de interesses, e até de saude.

Aos empresarios do theatro D. Amelia, do Colyseu dos Recreios, dos theatros da Trindade, Gymnasio, Avenida e Principe Real, do Casino de Paris, do Animatographo do Chiado — aos directores musicaes de cada uma d'essas salas de espectáculo — a todos os jornaes e revistas que tão valioso auxilio prestaram na propaganda d'essas festas e com tão boas palavras de sympathia e de benevolencia acolheram o pensamento que a ellas presidiu — a todos aquelles emfim que directa ou indirectamente concorreram para o completo exito que coroou estes trabalhos, deseja tambem o nosso director apresentar a expressão do reconhecimento o mais sincero.

Com o appoio de elementos tão valiosos e tão variados, com o applauso de todos aquelles que querem ver progredir a nossa Arte, tirando a por uma boa vez d'este marasmo em que tem penosamente vegetado, a *Grande Orchestra Portuguesa* hade fazer, assim o cremos, uma completa revolução no nosso meio artistico e ha de traduzir-se, para o profissional da musica, em vantagens de inilludível e talvez inesperado alcance.

Basta para isso que todos trabalhem para o mesmo fim e que não desfalleça cada um no proseguimento dos levantados ideaes que presidiram a esta notavel fundação artistica.

E' já velho o dictado de que *a união faz a força* e os velhos teem quasi sempre razão.

N. B. — Estava composta a presente noticia, quando recebemos do eminente critico d'arte, sr. Antonio Arroyo, o brilhante artigo com que encabeçamos este numero.

A declaração d. illustre escriptor de que só n'um jornal musical se deveria publicar o seu artigo, fez callar no nosso espirito a perplexidade em que o proprio conteúdo do escripto nos collocou.

Os trabalhos de Antonio Arroyo no jornalismo são de resto tão raros, que a maioria dos nossos leitores não veria com bons olhos uma recusa que, apesar de ter a desculpa uns pontos de vista perfeitamente attendeveis, os privaria de apreciar um interessante trabalho do notavel critico, em que se transvê o intuito de pôr no seu verdadeiro pé alguns dos pontos essenciaes, que mais intimamente se ligam com este commettimento.

Sirvam pois essas duas circumstancias para escusar a immodestia da inserção.

O concerto do joven pianista Aroldo Silva atrahiu, na noite de 28, um numeroso auditorio ao Salão do Conservatorio.

Aroldo Silva não é, talvez, um *charmeur* no piano, mas a sua technica tem se desenvolvido grandemente nos ultimos tempos, dispondo a par d'isso de qualidades de estylo muito apreciaveis. A sua sonata de Mozart, unica peça que lhe pudemos ouvir n'este concerto, por affazerem imprescindiveis que

n'essa noute nos prendiam, é uma peça d'exame, como toda a obra pianistica de Mozart, e requer qualidades muito especiaes que não sabemos se estarão na corda d'este joven artista. Certo é, porém, que se não pode tocar com mais sobriedade e com mais firmeza rythmica pelo que d'aqui lhe endereçamos os mais sinceros emhoras.

Sua irmã, a sr.^a D. África Calimerio, hoje discipula do maestro Codivilla, mostrou no pouco que lhe pudemos ouvir, o proveito que tem tirado de tão habil e competente direcção artistica, para o que não terá decerto contribuido pouco a malleabilidade do seu fino talento de cantora.

A menina Beatriz Silva, violoncellista em miniatura, executando a *Berceuse* de Renard no seu minuscuro violoncello, deu-nos a impressão de que poderá, com o tempo e o trabalho, attingir um lugar muito honroso entre as nossas amadoras. O talento, é, de resto, já tradição na sua familia, e seu irmão Manuel, que mais uma vez tivemos occasião de ouvir n'este concerto, confirmou as impressões que já mais de uma vez aqui expressamos a proposito da sua decidida vocação para o violoncello.

Já não pudemos ouvir o distincto violinista Luiz Barbosa, que se exhibiu na terceira parte do concerto, mas estamos certos que não desdisse do alto conceito em que o temos, como um dos mais promettedores talentos que ultimamente tem apparecido em Lisboa na sua especialidade.

Concertos annunciados. — No dia 1, uma *matinée* no theatro de S. João, do Porto, em festa artistica do distincto pianista Arthur Ferreira, que será coadjuvado pelos srs. Carlos Quilez, Paulo Navone, Henrique Carneiro e Xisto Lopes — no dia seguinte e tambem no Porto, em concerto promovido pelo *Orpheon*, a apresentação de M.^{elle} Henriette Renié, reputada harpista franceza da escola Hasselmans e primeiro premio do Conservatorio de Paris — no dia 7 a apresentação publica de Agostinho Teixeira, no Conservatorio — no dia 10 o primeiro concerto da presente serie, organizado pela *Real Academia de Amadores de Musica* — no dia 16 um concerto promovido pelo professor Rey Colaço em que se ouvirá, ao que nos consta, o violoncellista amator, sr. Somers, recentemente chegado de Inglaterra — no dia 21, finalmente, um sarau d'alumnos da *Academia d'Amadores*.

A *Sociedade de Musica de Camara* tambem dará o seu concerto em dezembro, mas ignoramos por ora a data.



PORTUGAL

A 22 d'este mez, dia da festa da padroeira dos musicos, effectuou-se na egreja dos Martyres uma missa solemne, promovida pela *Real Irmandade de Santa Cecilia*.

A festa teve o costumado luzimento, executando se sob a direcção do maestro Francisco de Freitas Gazul, um *Preludio* de Antonio Taborda, *Missã e Cred* de Freitas Gazul, *Preludio* da oratoria *Jesus e a Samaritana* de José Henrique dos Santos e *Canto da noite* de Schubert.

*

Para Milão e acompanhada por sua mãe, partiu ha dias a distincta cantora Herminia Alagarim, que o governo tão mercedamente subsidiou para ir aperfeiçoar-se na sua arte.

Fazemos votos para que a intelligente artista colha o melhor resultado d'esses trabalhos finaes e que possa encetar em breve uma carreira tão lucrativa, quanto gloriosa.

*

A composição do elenco de S. Carlos já não é novidade para pessoa alguma, mas como titulo documentario não póde deixar de figurar n'esta revista.

São os seguintes os artistas que ouviremos este anno no nosso primeiro teatro lyrico: — os sopranos Tina Brozia, Amelia Campagnoli, Emma Carelli, Cecilia Gagliardi, Salomea Kruscheniski, Lina Pasini Vilate e Giuseppina Piccoletti — os meios sopranos e contraltos Maria Delna, Virginia Guerrini, Giannina Lucaceska e Eugenia Mantelli — os tenores Arturo Franceschini, Giuseppe Krismer, Giuseppe Lenghi, Mario Massa, Emilio Perea e Francesco Viñas — os barytonos Eugenio Giraldoni, Eurico Morea, Arturo Romboli e Titta Ruffo — e os baixos Oreste Luppi, Sera Rossi e Emmanuele Tandella.

Alguns d'estes artistas não foram escripturados senão para uma parte da temporada.

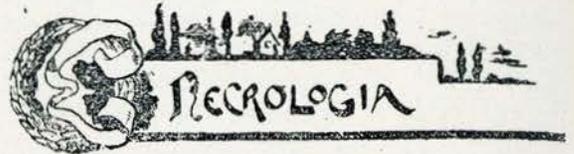
Como primeiro maestro teremos novamente o illustre Luigi Mancinelli.

As operas novas serão, como aqui já dissemos, o *Christovam Colombo*, de Franchetti; a *Madama Buterfly*, de Puccini, e o *Tris-*

tão e Isolda, de Wagner, figurando, entre as já conhecidas da nossa plateia, o *Amôr de Perdição*, de João Arroyo, que será cantada provavelmente em fevereiro.

ESTRANGEIRO

Segundo carta particular que recebemos de Berlim, ha ali agora mais tres salas de concerto. Na grande capital, realisam se agora umas dez audições por noite!



A 18 d'este mez falleceu João Pedro de Salles Baptista, grande amator de musica e pae do compositor Antonio de Salles Baptista, cuja morte tambem noticiamos ha tempos.

Regeu algum tempo a aula de musica do asylo D. Maria Pia e a banda dos bombeiros voluntarios de Cascaes, sua terra natal.

*

Em Villa Nova de Cerveira falleceu o professor de musica João Augusto Gomes. Contava 75 annos de idade.

*

Por absoluta falta d'espaco retiramos, já depois de composta, uma desenvolvida noticia necrologica sobre Maria Sass e Sophia Cruvelli.

Irã no proximo numero.

*

Temos que annunciar a morte de um outro artista, tambem eminente, o violinista e compositor Carlos Dancla.

Era natural de Bagnères (França), onde nasceu em 19 de dezembro de 1817. Com apenas 15 annos alcançou o primeiro premio de violino na classe de Baillot, cujas nobres tradições teve depois occasião de transmittir aos seus alumnos, quando por sua vez foi nomeado professor do Conservatorio de Paris.

Carlos Dancla deixa mais de 150 obras instrumentaes, e bastante musica vocal religiosa.

O illustre artista falleceu em Tunis, onde tinha ido procurar um clima mais adequado ao seu precario estado de saude.

FORNECEDOR DAS CORTES DE SS.
 MM. o Imperador da Allemanha e Rei da Prussia. — Imperatriz da Allemanha e Rainha da Prussia. — Imperador da Russia. — Imperatriz Frederico. — Rei d'Inglaterra. — Rei de Hespanha. — Rei da Romania. — SS. AA. RR. a Princeza Real da Suecia e Noruega — Duque de Saxe Coburgo-Gotha. — Princeza Luiza d'Inglaterra (Marqueza de Lorne).
 BERLIN N. — 5 e 7, JOANNISTRASSE.
 PARIS. — 334, RUE ST. HONORÉ.
 LONDON W. — 10, WIGMORE STREET.

Lambertini

REPRESENTANTE

E

Unico depositario dos celebres pianos

DE

BECHSTEIN

43 — P. dos Restauradores — 49

TRIDIGESTINA LOPES

Preparada por F. LOPES (Pharmaceutico)

Associação nas proporções physiologicas, da diastase, pepsina e pancreatina. Medicamento por excellencia em todas as doenças do estomago em que haja difficuldade de digestão. Util para os convalescentes, debeis e nas edades avançadas.

PHARMACIA CENTRAL

de F. Lopes

108, R. DE S. PAULO, 110 — LISBOA

BERLIM — CAROL OTTO — BERLIM

Os pianos de **Carol Otto** são a cordas cruzadas, tres cordas, sete oitavas, armação em ferro, sommeiro em cobre ou ferro dourado, teclado de marfim de primeira qualidade, machinismo de repetição, systema aperfeçoado.

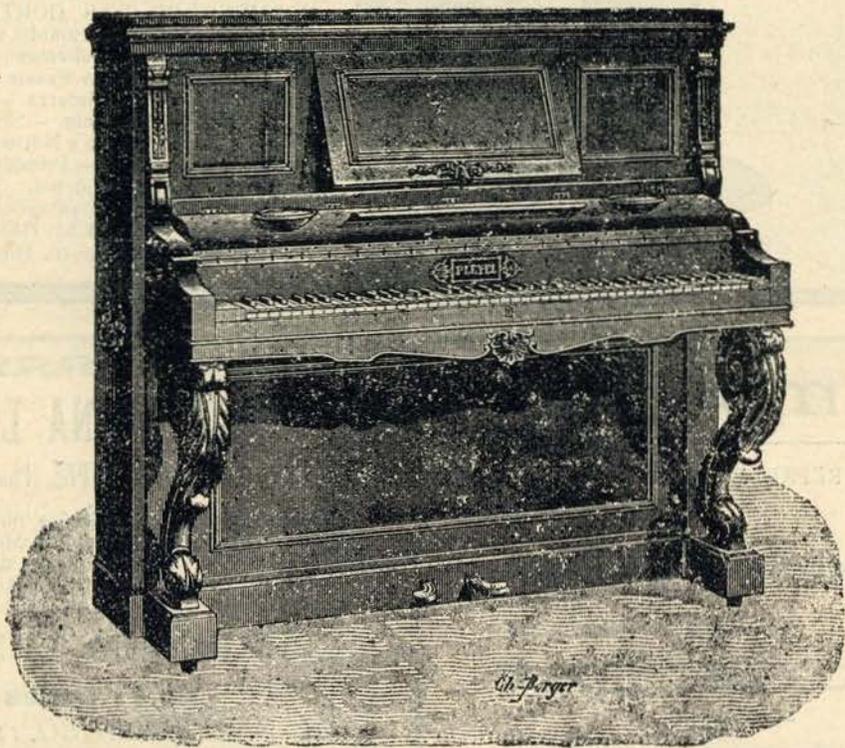
Exterior elegante — Boa sonoridade — Afinação segura — Construcção solida

BERLIM — CAROL OTTO — BERLIM

A ARTE MUSICAL
Publicação quinzenal de musica e theatros
LISBOA

PLEYEL WOLFF LYON & C^{IE}

GRANDE FABRICA DE PIANOS E HARPAS
PARIS



HARPA CHROMATICA SEM PEDAES

(SYSTEMA LYON PRIVILEGIADO)

PIANO DUPLO PLEYEL

(SYSTEMA LYON PRIVILEGIADO)

Inventor:—ENG. GUSTAVE LYON, official da Legião d'Honra

PRESIDENTE DO JURY (CLASSE 17) DA EXPOSIÇÃO DE PARIS—1900

GRANDE ESTABELECIMENTO MUSICAL LAMBERTINI

FORNECEDOR DA CASA REAL

Enorme sortimento de musicas

PARA TODOS OS INSTRUMENTOS

Musica para canto — Musica de camara e de orchestra

REPRESENTANTE DOS EDITORES FRANCEZES

Edições economicas de Ricordi,
Peters, Breitkopf, Litolf, Steingräber, etc.

PARTITURAS DE OPERAS

ANTIGAS E MODERNAS
Para piano e para canto.

HARMONIUNS AMERICANOS * * * *

* VIOLINOS * FLAUTAS * BANDOLINS

GUITARRAS * OCARINAS * * * *

* VIOLAS FRANCEZAS E HESPAÑHOLAS

METHODOS E MUSICAS

Para todos os instrumentos

Accessorios Alamirés Metronomos

Leitura musical por assignatura

500 RÉIS MENSAES

Peçam catalogos

Papel de musica francez

DE

SUPERIOR QUALIDADE

ESPECIALIDADE EM GORDAS ITALIANAS * * * * *

* * * * * para violino, violoncello, rabeção, harpa, etc.

43, 44, 45, Praça dos Restauradores, 47, 48, 49

LISBOA

- Adelia Heinz**, professora de piano, *Rua do Jardim á Estrella, 12.*
- Alberto Sarti**, professor de canto, *Rua Castilho, 34, 2.º*
- Alexandre Oliveira**, professor de bandolim, *Rua da Fé, 48, 2.º*
- Alexandre Bey Colaço**, professor de piano, *R. N. de S. Francisco de Paula, 48*
- Alfredo Mantua**, professor de bandolim, *Calçada do Forno do Tijolo, 32, 4.º*
- Antonio Soller**, professor de piano, *Rua Malmerendas, 32, PORTO.*
- Candida Cilia**, professora de musica, piano e harmonium, *L. de S.ª Barbara, 51, 5.º D.*
- Carlos Gonçalves**, professor de piano, *R. da Penha de França, 23, 4.º*
- Carolina Palhares**, professora de canto, *C. do Marquez d'Abrautes, 10, 3.º, E.*
- Eduardo Nicolai**, professor de violino, *informa-se na casa LAMBERTINI.*
- Ernesto Vieira**, *Rua de Santa Martha, A.*
- Francisco Bahia**, professor de piano, *R. Luiz de Camões, 71.*
- Francisco Benetó**, professor de violino, *Rua do Conde de Redondo, 1, 2.º, D.*
- Guilhermina Callado**, prof. de piano e bandolim, *R. Paschoal Mello, 131, 2.º, D.*
- Irene Zuzarte**, professora de piano, *Rua José Estevam, 17 r/c.*
- Joaquim A. Martins Junior**, professor de cornetim, *R. das Salgadeiras, 48, 1.º*
- Joaquim F. Ferreira da Silva**, prof. de violino, *Rua José Estevão, 50, 3.º, E.*
- José Henrique dos Santos**, prof. de violoncello, *T. do Moinho de Vento, 17, 2.º*
- Julieta Hirsch Penha**, professora de canto, *R. Maria, 8, 2.º, D. (Bairro Andrade)*
- Léon Jamet**, professor de piano, órgão e canto, *Travessa de S. Marçal, 44, 2.º*
- Lucila Moreira**, professora de musica e piano, *T. do Salitre, 19, 1.º*
- M.ª Sanguinetti**, professora de canto, *Largo do Conde Barão, 91, 4.º*
- Manuel Gomes**, professor de bandolim e guitarra, *Rua das Atafonas, 31, 3.º*
- Marcos Garin**, professor de piano, *C. da Estrella, 20, 3.º*
- Maria Margarida Franco**, professora de piano, *Rua Formosa, 17, 1.º*
- Philomena Rocha**, professora de piano, *Rua de S. Paulo, 29, 4.º, D.*
- Rodrigo da Fonseca**, professor de piano e harpa, *Rua de S. Bento, 47, 2.º, E.*

A ARTE MUSICAL

Preços da assignatura semestral

PAGAMENTO ADIANTADO

Em Portugal e colonias.....	1\$200
No Brazil (moeda forte).....	1\$800
Estrangeiro.....	Fr. 8

Preço avulso 100 rs.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administração

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 43 A 49—LISBOA